



REQUERIMENTO Nº 2014

Requeiro, nos termos do art. 218, inciso II, e art. 221, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento, na última sexta-feira, 14 de novembro, do médico e ex-ministro da Saúde, Adib Jatene, aos 85 anos, bem como apresentação de condolências à mulher Aurice Biscegli Jatene, e aos filhos Yeda, Y ara, Marcelo e Fábio, aos netos e bisnetos.

JUSTIFICAÇÃO

Justo ele, o cirurgião que trouxe de volta à vida milhares de corações mal tratados e combalidos, foi pego pelo coração. Ele tinha artérias ruins. Elas entupiam facilmente e não compartilharam com a energia mental e disposição para chegar aos 100 anos.

Acriano de Xarupi, Jatene era filho de um seringueiro libanês e de uma dona de armarinho. Quando criança, se mudou para Uberaba, em Minas Gerais, e, depois, para São Paulo. Lá estudou na Universidade de São Paulo (USP), formando-se aos 23 anos pela Faculdade de Medicina. A residência e pós-graduação foram feitas no Hospital das Clínicas da mesma faculdade, sob a orientação do professor Euríclides de Jesus Zerbini (1912-1993), pioneiro dos transplantes de coração no país.

Com mais de 20 mil cirurgias no currículo, se destacou também por ter sido o primeiro a realizar a cirurgia de ponte de safena no Brasil e por ter inventado aparelhos e equipamentos médicos. Em





Uberaba (MG), lecionou Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Neste período, construiu seu primeiro modelo de coração-pulmão artificial. Em São Paulo, trabalhou no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e como cirurgião no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia da Secretaria de Estado da Saúde.

Ao longo desses 85 anos realizou 40 mil cirurgias. Chegou a operar até sete pacientes por dia. As equipes formadas por ele foram responsáveis por 120 mil operações cardíacas. Atualmente era diretor-geral do HCor e um dos pioneiros da cirurgia do coração no Brasil.

Nunca se filiou a partidos, mas participou de várias gestões. Atuou como secretário estadual da Saúde de São Paulo (1979-1982), no governo de Paulo Maluf, e duas vezes como ministro, na mesma área, nas gestões Fernando Collor (1992, por oito meses) e Fernando Henrique Cardoso (1995-1996, por 22 meses). No governo de FHC, criou a CPMF (Contribuição Provisória Sobre Movimentação Financeira), para ajudar a financiar a saúde brasileira. Foi membro da Academia Nacional de Medicina e autor e coautor de cerca de 700 trabalhos científicos publicados na literatura nacional e internacional.

Por meio de nota, o secretário de Estado de Saúde de São Paulo, David Uip, disse que a "perda do professor e ministro Adib Jatene é motivo de absoluta tristeza" e que "a saúde pública está em luto". O secretário ainda destacou o papel de Jatene "para a consolidação do SUS em São Paulo e no Brasil".





A presidente Dilma Rousseff, lamentou, em nota. “A morte do médico Adib Jatene deixa nossa nação triste. Ele foi um dos mais importantes cardiologistas do Brasil e um dos artífices da criação da CPMF, que permitiu destinar mais recursos para a saúde pública. Expresso meus sentimentos à viúva, dona Aurice, e aos filhos do casal: Ieda, Marcelo, Fábio e Iara.”

O Ministério da Saúde também divulgou uma nota de pesar: "O Ministério da Saúde recebeu com tristeza o anúncio do falecimento do médico, professor e ex-ministro da Saúde Adib Jatene. A medicina brasileira e a saúde pública do país são gratos por suas contribuições nos mais de 40 anos de profissão. Ele, sem dúvida, traduz a força dos milhares de brasileiros que superam suas dificuldades, em sua convicção de desenvolvimento pessoal e esperança de um mundo melhor. Uma história de defesa e ensino de uma medicina voltada essencialmente e fundamentada nas pessoas. A Saúde, em luto, deve um agradecimento especial a esse grande brasileiro ”.

Alexandre Padilha, que neste ano concorreu ao governo de São Paulo pelo PT e não se elegeu, lamentou a perda de Jatene: “Perdemos uma das figuras mais humanas que eu conheci na minha vida. Adib era humano e respeitoso em defesa de suas opiniões, nas críticas, no cuidado com seus pacientes. Mas também quando brincava com suas engenhocas, ele gostava de criar peças, próteses e válvulas que salvaram muitas vidas”, disse Padilha ao G1. “É uma das mentes mais humanas que já vi. O professor Adib Jatene era mais do que tudo especialista em gente.





O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, disse que "seu legado inclui inúmeros feitos para a medicina".

Em junho, numa entrevista à revista Época Jatene falou da rotina diária, dos hábitos, do envelhecimento, do Brasil que ele viu crescer.:

‘Trabalho no hospital todos os dias, mas já estive melhor de saúde. Tive problema de coronária. Ando com a bengala ou com a cadeira motorizada. No mais, estou bem. Tenho a cabeça boa. Parei de operar no início do ano. Com essa idade as cirurgias ficam complicadas. Minha reação cirúrgica não era aquela que eu tinha. Não queria colocar o paciente em risco. O cirurgião enfrenta situações de emergência. Precisa conseguir responder prontamente. Se a resposta começa a ficar mais lenta, coloca o doente em risco.’

“Nunca fumei. Fiz muito esporte. Atletismo, remo. Havia torneios entre os alunos da engenharia do Mackenzie e os da Medicina da USP. Sempre tive uma alimentação saudável. Sou casado com uma nutricionista há 60 anos. Os que não se cuidam e vivem muito são exceções que justificam a regra. Quantos obesos da minha idade você já viu? Não há. Eles morrem antes. As artérias de algumas pessoas não vão entupir nunca. Mesmo que elas tenham maus hábitos. Não é o meu caso. Minhas artérias são ruins. Minha aterosclerose é constitucional. Se não tivesse me cuidado, estaria morto há muito tempo. Somos o que comemos.”

“Estou tentando escrever um livro sobre o Brasil que eu vi crescer. Desde que saí do Acre em sete de fevereiro de 1939. Levamos





de lá até Uberlândia dois meses. Tínhamos que descer com a chata, aquela que tem a roda atrás, pelo Rio Acre até a confluência com o Purus. Depois descer o Solimões, o Amazonas. Descemos até o Belém para esperar o Ita. Ia parando em cada porto. Hoje vamos ao Acre em quatro ou cinco horas.

O que aconteceu no Brasil foi uma coisa fantástica. As pessoas não tem noção disso. A qualidade de vida e a saúde da população melhoraram demais. Somos o país que mais vacina no mundo. Eliminamos a poliomielite antes de qualquer país do mundo. O nosso problema não é a saúde. É a doença. Aquilo que exige atendimento médico, emergência, pronto-socorro. Não fizemos a estrutura necessária para isso. Não havia recursos suficientes.

Vivo nossa realidade. Velho tem que continuar ativo. Se para, definha. O ruim da velhice é a perda de mobilidade. Não tenho mais a flexibilidade que eu tinha. Tenho dificuldades de equilíbrio. Uso bengala ou cadeira de rodas motorizada. Sofro também de diabetes e neuropatia diabética. Isso dá uma perda de sensibilidade nos pés. E daí? Se eu fosse dar valor a isso, ficaria inutilizado.

O lado bom da velhice é a experiência acumulada e a felicidade de poder compartilhá-la. Treinei muita gente. Se a pessoa vive só o passado, ela não interessa a ninguém. O presente é fantástico. Gosto dos jovens. Hoje eles são muito mais preparados. O conhecimento que têm de informática e de outras coisas é impressionante.





O que se faz com gosto não cansa. Nunca me queixo. Tive um incrível professor de Matemática na infância. Era cego e fazia cálculos difíceis de cabeça. Com ele aprendi a nunca me queixar.

Tendo em conta a qualidade e a beleza das palavras escritas pelo Dr. Roberto Kalil Filho, em artigo publicado hoje na Folha de S. Paulo, em homenagem a Adib Jatene, aqui leio e peço o registro na íntegra do artigo “Lições de Humildade”.

Lições de humildade

Roberto Kalil Filho

Aprendi muito sobre medicina com o professor Adib Jatene, mas a principal lição que recebi do grande mestre foi a de ser humilde na profissão

Sei muito bem que não precisaria lembrar aqui das grandes contribuições do professor Adib Jatene à medicina --elas já estão impressas nos melhores livros de medicina do mundo. Mas faço absoluta questão em fazê-lo aqui e sempre.

O professor Adib foi o primeiro médico a realizar a cirurgia de ponte de safena no Brasil. Foi o primeiro a desenvolver o coração-pulmão artificial do mundo. Também foi o primeiro a utilizar a técnica para corrigir artérias de bebês, método que ficou conhecido como cirurgia de Jatene. O professor Adib foi o primeiro, o primeiro, o primeiro...

A qualidade desse grande cardiologista que, de fato, marcou minha carreira e minha vida, entretanto, não está relacionada a nenhum desses feitos extraordinários. Aprendi com ele a importância de ser humilde na minha profissão. Isso ele me ensinou desde o primeiro instante em que o vi.





Conheci o professor Adib Jatene em 1986. Jamais vou me esquecer desse momento. Eu havia recém-chegado à Faculdade de Medicina, era residente médico. Era uma manhã bem cedo. Eu subia de escada até a UTI pós-operatória do InCor (Instituto do Coração), no terceiro andar do hospital. Eis que, de repente, quase trombo com ele, que descia os degraus. Fiquei paralisado. Afinal, o professor Adib, então titular da cirurgia cardiovascular da instituição, era um mito para mim.

Ele logo quebrou o silêncio constrangedor com uma simples pergunta: "Você é quem?". Com a voz trêmula, expliquei que começara a residência e que faria prova para cardiologia naquele ano. Foi então que ele falou uma frase que me marcou para sempre: "Lembre-se sempre de uma coisa, menino. É importante ser respeitado pelo trabalho e pelos colegas, mas o que mais vale a um médico é ter o respeito dos pacientes".

Em 1991, a segunda lição de humildade. Eu havia acabado de voltar do doutorado na Universidade Johns Hopkins (EUA) e, na época, era cardiologista-assistente do InCor. Eis que um dia recebo um telefonema da diretoria. O professor Adib queria a minha opinião sobre um paciente dele que estava sendo mantido com suporte mecânico.

Uma semana depois, ele me ligou para dizer que tudo dera certo com o paciente e me agradeceu. E eu pensei: "O grande médico e cientista ligando para agradecer a um simples assistente".

Ao longo da minha carreira, conversei muito com ele. Trinta segundos com o professor correspondiam a anos e anos de pesquisa. Ele sempre me estimulou a continuar na vida acadêmica.

Em 2010, comecei a me preparar para o concurso de professor titular de cardiologia no InCor. Por um ano, falei com ele semanalmente sobre o assunto. Pois em 5 de agosto de 2011, no dia do concurso, ele estava lá, me assistindo na primeira fila. No dia seguinte, ele me deu a terceira lição de humildade.

"Hoje você tem um consultório de sucesso e uma carreira acadêmica consolidada. Mas para ser um médico completo, tem de ter um compromisso com as pessoas carentes. E agora chegou a vez de isso acontecer." Pois digo aqui que minha missão maior no InCor é





exatamente essa, a de expandir e melhorar o hospital para o bem da população.

Hoje, os ensinamentos do professor Adib fazem parte do meu dia a dia como médico. Uso diariamente suas frases célebres.

Por exemplo, quando um paciente me pergunta, por medo de um determinado exame, se é seguro deixar para depois o procedimento, eu respondo como ele: "Se eu soubesse quando sua artéria irá fechar eu chamaria você um dia antes".

Outra: um paciente ao me questionar se pode ou não voltar a trabalhar depois de uma cirurgia, eu digo outra célebre frase dele: "O que mata não é o trabalho, é a raiva". Mas a minha meta maior é me espelhar em sua humildade. Professor Adib me acompanhará para sempre.

ROBERTO KALIL FILHO, 55, professor titular de cardiologia da Faculdade de Medicina da USP, é diretor da divisão de cardiologia clínica do InCor (Instituto do Coração) e diretor do Centro de Cardiologia do Hospital Sírio-Libanês

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2014

Senador **EDUARDO MATARAZZO SUPLICY**



SF/14410.72775-38